

FONTES ORAIS: TESTEMUNHOS, TRAJETÓRIAS DE VIDA E HISTÓRIA

Prof. Dr. Antonio Cesar de Almeida Santos
Departamento de História
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Este texto apresenta e discute um modelo para a análise de depoimentos orais. Caracteriza o trabalho de produção das fontes orais e a atitude do historiador frente a elas, afirmando a importância da metodologia da história oral como instrumento eficaz para o estudo de processos históricos imersos no Tempo Presente.

Palavras-chave: História oral; História do tempo presente; Fontes orais; Metodologia; História

Abstract

The article ORAL SOURCES: WITNESESS, LIFE TRAJECTORIES AND HISTORY proposes and discusses a model for the analysis of oral sources. It defines the work of producing oral sources and the historian's attitude, enforcing the importance of oral history methodology as an able instrument for the study of historical processes immersed in present time.

Key words: Oral History; Present Time History; Oral Sources; Methodology; History.

Quando me proponho a discutir questões relativas à História Oral, sempre recordo de um antigo filme (de 1970), dirigido por Arthur Penn e roteirizado por Calder Willingham (baseado em livro de Thomas Berger). Trata-se de *Little big man* (ou **Pequeno grande homem**, no título em português). No filme, o ator Dustin Hoffman encarna Jack Crabb, um homem nascido em meados do século XIX, nos EUA, e que, nos anos 1960, passa seus últimos dias em um asilo para velhos. Nesse asilo, em dada ocasião, Crabb recebe a visita de um “historiador”, interessado em conhecer passagens de sua vida. Inicialmente, ele se mostra arredio às intenções do “historiador”, mas a partir de um dado momento, após ser provocado, Crabb exige que o enorme gravador de rolo seja ligado e ele passa a narrar a sua história de vida.

A história de Crabb tem início com a narrativa de que sua família, à exceção dele e de uma irmã, fora trucidada por índios, e que, logo após aquele ataque, um outro grupo de índios encontra as duas crianças. Esses índios resolvem adotar Crabb e sua irmã; esta, entretanto, foge, mas o jovem permanece na aldeia cheyenne, ficando sob a tutela de um índio já mais velho e que não tinha filhos.

No lugar de fazer uma grande sinopse do filme, quero salientar alguns aspectos merecedores da atenção de pessoas preocupadas a metodologia da História Oral e suas técnicas. A narrativa de Jack Crabb, embora centrada em sua vida, enfoca relações entre colonos brancos, exército e índios, no centro-oeste norte-americano. Em diversas ocasiões, sua narrativa também inclui personagens lendários da história norte-americana, como o General Custer e o pistoleiro Wild Bill Hickock (nesse mesmo aspecto, Crabb, quando reencontra sua irmã, retrata-a como uma Calamity Jane). Em decorrência da provocação do “historiador”, o grande acontecimento para o qual converge a narrativa de Crabb é a batalha de Little Big Horn, na qual as tropas comandadas pelo General Custer são derrotadas pelos

Sioux. Crabb identifica-se como um espectador/participante desse evento histórico que define o término da narrativa apresentada no filme.

Esse filme (e o livro do qual ele se origina) marca um momento no qual a política externa norte-americana sofria pesadas críticas, muitas delas originadas no interior de sua sociedade, que se mostrava exaurida pelos custos sociais da Guerra da Vietnã. Nesse contexto, intelectuais empreendiam uma profunda revisão do passado norte-americano, em especial o massacre sofrido pelas sociedades indígenas. Não por acaso, a provocação do “historiador” a Crabb tem justamente esse enfoque: diante da recusa do velho em contar a sua história, ele irá afirmar que lamenta que as demais pessoas continuariam a ver os índios norte-americanos como preguiçosos, violentos e traiçoeiros. Crabb, com sua narrativa, demonstra a intenção de desmontar o discurso vigente sobre os índios norte-americanos, repondo aquilo que ele entendia como sendo a verdade sobre o assunto.

Além desta revisão sobre o passado norte-americano, a presença de um “historiador” entrevistando uma testemunha de um período/acontecimento também demarca um momento particular do campo historiográfico. Nos anos 1970, a pesquisa histórica recuperou a importância das experiências individuais e das situações singulares, privilegiando a dimensão do vivido. Tais mudanças de enfoque geraram discussões sobre o uso de novas fontes e de novas metodologias históricas, ocorrendo um renovado impulso ao campo da história cultural.¹

Notadamente, desde as décadas iniciais do século XX, diversos sociólogos e antropólogos norte-americanos fizeram uso de relatos orais em suas investigações. Mesmo no Brasil, a utilização de relatos orais em pesquisas acadêmicas remonta aos anos 1950, também nas ciências sociais. Contudo, foi apenas no contexto da “Nova História” que as fontes orais fizeram sua reentrada no campo desta disciplina, embora ainda continuem a enfrentar resistências da parte de alguns historiadores.

De fato, se nos deixássemos guiar exclusivamente pela narrativa de Jack Crabb, teríamos uma visão particular e idealizada das guerras índias norte-americanas, da segunda metade do século XIX. Sua visão sobre o assunto é parcial e limitada àquilo que seus olhos viram e que seus ouvidos escutaram. Trata-se, enfim, de sua história de vida; é ele quem define quem e quais acontecimentos devem dela participar. Entretanto, a narrativa daquilo que foi vivenciado (real ou imaginariamente) por Crabb nos permite descortinar, além de eventos e personagens reais, o imaginário e as representações da sociedade norte-americana sobre o seu próprio passado.

¹Ver FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: _____ (Coord.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994. p. 1-13.

Lembranças e fontes orais (produzindo depoimentos)

Se considerássemos a narrativa apresentada no filme **Pequeno grande homem** uma mera transcrição do relato de Jack Crabb estaríamos incorrendo em grave erro. Os entrevistados, quando constroem suas histórias de vida, ou o relato de suas lembranças, o fazem de forma bastante livre, sem se prenderem a uma organização cronológica, ao contrário do que ocorre no filme. Mesmo em se tratando de uma obra ficcional, devemos reconhecer que ali ocorreu um trabalho *a posteriori*. Em se tratando de fontes orais, as narrativas são uma produção do historiador que, após a transcrição das entrevistas, organiza-as em função de seu interesse de pesquisa. Certamente, a produção de fontes orais passa pela recolha de informações junto a testemunhas e, para isso, fazemos uso de técnicas pertencentes ao universo metodológico da história oral.

Entrevistas, depoimentos e histórias de vida são técnicas que vêm sendo utilizadas já há bastante tempo para se conhecer, ainda que parcialmente, determinados processos sociais desde a ótica daqueles que estão imersos nesses mesmos processos. Michael HALL, porém, salienta que “hoje em dia somos todos um pouco menos ingênuos, me parece, e reconhecemos que a história oral está longe de ser uma história espontânea, não é a experiência vivida em estado puro, [...] os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar”. Nesse mesmo sentido, HALL ainda aponta que “as entrevistas da história oral mostram menos a experiência direta dos informantes do que o resultado do trabalho que a memória faz com essa experiência”.² De fato, mas mesmo assim, as “memórias de velhos”, histórias de vida, colhidas por Ecléa BOSI,³ permitem que se conheça um pouco da experiência que os seus entrevistados tiveram na cidade de São Paulo, nas décadas iniciais do século XX, embora não fosse esse o seu principal objetivo.

Não obstante suas limitações, a história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento. Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra a sua história. Ao traduzir experiências

²HALL, Michael. História oral: os riscos da inocência. O DIREITO À MEMÓRIA. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160. p. 157.

³BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** : lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1987.

vividas, relacionadas à situação atual dos sujeitos,⁴ a entrevista conforma-se a uma comunicação articulada por associações mais ou menos livres.⁵

Ao responder a uma indagação do pesquisador, o entrevistado é instado à rememoração. Naquele momento, ele se mostra disposto a lembrar de acontecimentos e de pessoas situadas em outros tempos e lugares. Porém, é o tempo presente, ainda que nem sempre expresso em palavras, que serve de ponto de partida para a rememoração. Voltar no tempo é um exercício que necessita de um constante ir e voltar, pois cada lembrança ancora-se a um momento do presente. Do mesmo modo, cada lembrança trazida à tona pelo entrevistado irá associar-se a uma outra que, aparentemente, não mantém qualquer vínculo com a anterior.

Tecnicamente, entrevistar é estabelecer uma relação comunicativa, que está presente “em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador”.⁶ Contudo, pode-se distinguir as técnicas da história oral (entrevistas, depoimentos e histórias de vida) de outra maneira: para Maria Isaura P. de QUEIROZ, “a diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador. [...] A entrevista pode se esgotar num só encontro; os depoimentos podem ser muitos curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças com relação às histórias de vida. [...] Toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos”.⁷

A matéria prima dos depoimentos com os quais trabalhamos na história oral são as lembranças. Para HALBWACHS, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”⁸ Ou seja, as lembranças não vivem no passado, ao contrário, precisam de um tempo presente de onde sejam projetadas e ancoradas por um sentido. Elas também jamais se apresentam isoladas, são de ordem relacional e envolvem outros indivíduos: nas lembranças, nunca estamos sós. Assim, embora a história oral não

⁴BOSI destaca: “o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função *social* exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra”. Ibid., p. 23. Destaque no original.

⁵No que diz respeito à atividade mnêmica, “sem se lembrar de um dia, pode-se lembrar de um período, e não é certo que a lembrança de um período seja simplesmente a soma das lembranças de alguns dias. À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa”. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 72.

⁶QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gracador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p. 6.

⁷Ibid., p. 7.

⁸HALBWACHS, p. 71.

trabalhe com uma memória social ou coletiva, em seu sentido estrito,⁹ é preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências que os sujeitos experimentaram no curso de suas vidas, no interior de grupos sociais.

A manifestação de memórias individuais decorre da inserção delas em campos de significados de domínio coletivo, pois “no ato de lembrar nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória”.¹⁰

Em vista dessas considerações, entendemos que a memória, individual ou coletiva, é necessária à atualização da percepção da realidade, e é o que torna possível a compreensão das transformações operadas na sociedade. Um relato, fundado na memória, é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significações e (re)estabelecer relações com o passado, permitindo apreender a dinâmica da própria sociedade.

A rememoração não traduz a existência de um dado imediato à percepção (o efetivamente realizado), trata-se de um ato cognitivo que um dado indivíduo, situado em uma posição distanciada, produz sobre as situações vividas anteriormente. Quer dizer, instaura-se uma atribuição de sentido, uma análise daquilo que constituiu uma experiência. De fato, não se pode nunca abarcar o real como ele é; entrevistados e investigador constroem uma interpretação daquilo que é dado como real.

Deve-se, ainda, salientar que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”¹¹ Assim, as lembranças, além de oferecerem uma descrição de acontecimentos vividos, trazem também uma análise daqueles mesmos acontecimentos, dada a distância em que o entrevistado se encontra deles, e sua disposição em avaliar as transformações que vivenciou.

Nesse aspecto, o trabalho do historiador não é o de somente ligar o gravador e registrar uma entrevista, um depoimento, ou uma história de vida, ele se inicia justamente no momento em que se torna necessário organizar e analisar o relato fornecido pelo entrevistado.

⁹Para HALBWACHS, a memória é um fenômeno social que se manifesta nos seguintes tipos: coletiva, individual, histórica. A primeira, que se poderia chamar de memória social, está relacionada a uma história vivida, na qual o passado permanece vivo na consciência de um grupo social. Esta noção é contraposta à história (memória histórica), que seria uma forma de conhecimento do passado, exterior ao domínio do vivido. Por seu turno, a memória individual será sempre “um ponto de vista sobre a memória coletiva”.Ibid., p. 53-89.

¹⁰BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, n. 3, p. 29-42, 1989. p.30.

¹¹BOSI, p.17.

A leitura dos testemunhos

A leitura de uma entrevista, de uma história de vida, ou de um conjunto de depoimentos não é tarefa simples. O ponto de partida é, necessariamente, a precisa delimitação de um problema de pesquisa. É a partir de seus interesses que o pesquisador irá reordenar os acontecimentos rememorados pelo entrevistado, considerando que a cada vida corresponde um fluxo de lembranças que será preciso organizar. No caso de trabalharmos com um conjunto de depoimentos, é interessante perceber que cada um contribui com a pesquisa, isolando acontecimentos ou indivíduos, complementando informações e, mais importante, oferecendo os elementos necessários para a construção do contexto social ao qual a pesquisa se refere.

O depoimento¹² é uma técnica utilizada pela história oral para a obtenção de declarações de um sujeito sobre algum acontecimento do qual ele tenha tomado parte, ou que ele tenha testemunhado. No entanto, quando se faz o registro e a posterior análise do depoimento, deve-se levar em conta as disposições que o entrevistado quis manifestar por intermédio de suas declarações, pois o que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma contrafação dela. Ao contrário, trata-se de uma construção que cada indivíduo elabora a partir de uma realidade cognoscível. Nesse sentido, os depoimentos permitem acesso a uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. Tal situação manifesta-se na seletividade das experiências e dos espaços envolvidos nas lembranças narradas, que só podem ser interpretadas se relacionadas à vida do indivíduo entrevistado.

Dessa maneira, os depoimentos devem analisados considerando-se que, no curso de suas vidas, as pessoas desempenharam (e continuam desempenhando) um conjunto de papéis sociais. Myrian BARROS e Ecléa BOSI reconhecem que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas à sua trajetória de vida, o que lhe permite oferecer um testemunho das transformações ocorridas ao seu redor e, ao mesmo tempo, produzir uma análise das mudanças por ele percebidas.¹³ As trajetórias de vida participam do instrumental analítico a ser utilizado na leitura de fontes orais, pois assinalam o universo social do qual provieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas. Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial. Os papéis sociais definem atitudes e expectativas do entrevistado, e estão relacionados aos diferentes momentos da existência de cada um.

¹²Considerando a produção de fontes orais para a investigação histórica, propõe-se o uso do termo entrevista para designar o momento em que entrevistado e investigador são postos frente a frente, e o termo depoimento para se referir ao resultado daquela relação comunicativa.

¹³BARROS, p.37.

A trajetória de vida de cada entrevistado é a porta de entrada para a realização da leitura dos depoimentos, que devem ser reorganizados cronológica e coerentemente. O modelo analítico aqui proposto deriva de trabalho realizado por Jan VANSINA, que focaliza a tradição oral de povos africanos.¹⁴ Como já apontado, o pesquisador irá defrontar-se, inicialmente, com uma aparente desordem nos depoimentos, a qual precisará ser superada para possibilitar a organização de um conjunto de indícios que propicie interpretar as informações ali contidas em relação ao problema colocado para a investigação. Reorganizar um depoimento significa identificar recorrências e agrupá-las, e ordenar a narrativa em um eixo diacrônico. Essa diacrônia deve ser construída tanto para depoimentos tomados isoladamente, como também para construir diferentes contextos espaço-temporais¹⁵ que situam acontecimentos inscritos em um conjunto de depoimentos que conformam um testemunho¹⁶.

No modelo de análise que estamos propondo, identificamos, inicialmente, os seguintes elementos: tema, episódio, referência, motivo e trama, que se referem à organização interna dos depoimentos. O tema é, em geral, oferecido ao entrevistado pelo pesquisador, pois guarda estreita relação com o problema de pesquisa. Nesse sentido, destaca-se a importância de produzirmos um roteiro para as entrevistas que permita o bom e pleno desenvolvimento do tema.¹⁷

Depois da construção das trajetórias de vida e de uma avaliação quanto ao desenvolvimento do tema, busca-se aquele que é o elemento mais próximo da organização do texto do depoimento: os episódios. Estes são parcialmente guiados pelo roteiro e marcados por recortes espaço-temporais, configurando-se como unidades de desenvolvimento da narrativa, estando relacionados às diversas fases da vida de cada entrevistado. Cada episódio, além de um tema particular, apresenta marcos cronológicos e espaciais, bem como referências a pessoas/personagens protagonistas de acontecimentos inseridos na narrativa. A delimitação de episódios no interior do depoimento, realiza-se a

¹⁴VANSINA, Jan. **La tradición oral**. 2.ed. Barcelona: Editorial Labor, 1968. Deve-se salientar que não se incorre na impropriedade de adotar acriticamente as observações acerca de formas tradicionais de transmissão de acontecimentos pretéritos da vida de sociedades sem escrita para o contexto de pesquisas realizadas junto a sociedades urbano-industriais.

¹⁵Sobre contexto espaço-temporal, ver a discussão que CANEVACCI realiza sobre a categoria *cronotopo* (um “complexo espaço-temporal”), utilizada na crítica literária por Mikhail Baktin e por James Clifford na antropologia. Esta categoria trabalha com o desenvolvimento de indicadores espaciais e temporais, produzindo um “cenário ficcional onde (e quando) são realizadas certas atividades e estórias”. CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica** : ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 86.

¹⁶“Un testimonio verbal es el conjunto de declaraciones hechas por un mismo testigo concernientes a una misma serie de acontecimientos, en la medida que tengan una misma referencia. Un testigo es una persona o un grupo de personas que dan cuenta de una referencia determinada.” VANSINA, p. 36.

¹⁷Embora o roteiro deva apresentar um conjunto de questões para ordenar os depoimentos, a dinâmica da entrevista se efetiva em um jogo de associações, uma lembrança encadeando outra. Entretanto, mesmo fora de ordem, as questões propostas precisam ser colocadas e respondidas pelo entrevistado.

partir da identificação de um tema particular, o motivo¹⁸, elemento que deve ser entendido como aquele que distingue um episódio de outro, a partir da significação que ele encerra no conjunto do depoimento.

Ao se trabalhar com um conjunto de depoimentos, identificar uma referência comum, uma data, por exemplo, poderá auxiliar na construção de um eixo diacrônico ao qual se prendem as narrativas. Um marco cronológico que delimita um dado episódio possibilita elaborar um contexto mais próximo do real a que os depoimentos querem se referir. Em geral, essas referências e episódios guardam uma significação mais ampla, que encerra um dado motivo, o qual precisa ser identificado.

Nos depoimentos, a citação de datas, locais, acontecimentos de domínio público e personalidades públicas permitem uma leitura conjunta e a construção de um contexto pelo qual transitam entrevistados e suas lembranças. Enfim, essas referências situam episódios e entrevistados no quadro mais amplo dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos.

Ainda quanto aos elementos do modelo de análise que está sendo apresentado, considera-se a existência de uma trama. Formalmente, ela é a maneira pela qual o entrevistado organiza seu depoimento, sendo percebida pelo encadeamento dos episódios. No entanto, embora os depoimentos possam estar orientados pelo investigador/roteiro, por que um deles irá destacar certas referências diferentemente de outro? Por que, para um entrevistado, é importante tal motivo e para outro, um diferente? A trama pode ser entendida, então, como se assemelhando à imagem que uma peça de tecido oferece: dada uma urdidura – o conjunto de referências possíveis (o arcabouço de uma memória coletiva) –, cada entrevistado tece o seu depoimento pessoal deixando sobressair alguns fios e escondendo outros. A trama identifica a disposição pessoal do entrevistado, que está relacionada à sua percepção do real. Uma percepção orientada por valores sócio-culturais e que individualiza um depoimento em relação a outros, ainda que sejam construídos em torno de um mesmo tema. Esses valores individuais manifestam-se pela intenção¹⁹ de cada entrevistado em destacar certos aspectos, e não outros, no contexto possível de ser construído a partir de um conjunto de lembranças.

Determinada a trama, passa-se a recompor o depoimento, para o que é necessário identificar a intenção do entrevistado, a qual se encontra mais próxima do domínio da ideologia²⁰ do que de aspectos formais do depoimento. Para se chegar à intenção do entrevistado, devemos relacionar sua trajetória de vida à trama presente no depoimento.

¹⁸“Motivo [...] es una noción que señala lo que el episodio significa funcionalmente, mientras que el episodio subraya el lugar de un motivo en una serie y la estructura del todo.” VANSINA, p. 75.

¹⁹Vansina destaca a presença de uma intencionalidade em se comunicar certos relatos: “El testimonio está verdaderamente condicionado por el testigo”. *Ibid.*, p. 33-61.

²⁰Por ideologia, quer-se designar o conjunto de idéias formado e manifestado por um **indivíduo** no curso de sua existência. A noção de indivíduo assinala, tanto o seu entendimento como uma unidade moral autônoma, como a existência de uma relação de seu pertencimento a um grupo social do qual emerge uma concepção de mundo.

Esquemáticamente, propõe-se que a leitura de um depoimento, ou de um conjunto deles, se processe da seguinte maneira:

- a) uma primeira leitura para a elaboração da trajetória de vida do entrevistado;
- b) a seguir, devemos delimitar o tema desenvolvido na narrativa (em geral, quando se trabalha com um conjunto de depoimentos, o tema confere uma relativa unidade às narrativas individuais; entretanto, é importante identificar as particularidades de cada depoimento em relação ao tema proposto pela investigação);
- c) uma vez delimitado o tema, novas leituras servem para demarcar episódios, referências e o(s) motivo(s) delimitadores dos diversos episódios presentes nos depoimentos. Estes elementos permitem a organização de cada depoimento e a comparação entre eles;²¹
- d) como último passo, reorganiza-se o depoimento e, com base nas informações precedentes, determina-se a trama construída pelo entrevistado. Com isso, estaremos em condições de identificar a intenção do entrevistado em ter oferecido aquelas lembranças.

O modelo apresentado acima também pode ser aplicado a histórias de vida, porém é mais comum a sua utilização para a análise de um conjunto de depoimentos tomados de diferentes indivíduos. A opção por um depoimento, por uma história de vida, ou por um conjunto de depoimentos decorre do problema de pesquisa proposto. Assim, ao se proceder à reorganização de depoimentos que estão sendo trabalhados em conjunto, opera-se com os artifícios da dissolução e da montagem, que permitem transitar entre diversos depoimentos e conferir uma relativa simultaneidade a episódios distribuídos entre eles.²² Todavia, deve-se evitar a tentação de se reduzir os depoimentos a um único texto; as dissemelhanças e particularidades de cada depoimento assinalam a diferença, elemento portador do sentido (intenção) que cada entrevistado atribui às suas lembranças e a si mesmo, considerando que se trata de alguém solicitado a manifestar-se sobre sua vida ou sobre acontecimentos que tenha testemunhado.

Em conclusão ...

Retomemos, por alguns momentos, o caminho da ficção. No início dos anos 1990, Patrick Chamoiseau, um escritor da Martinica, publicou o livro *Texaco*, no qual enfoca a vida de uma favela de Fort-em-France, que fica conhecida pelo nome da multinacional de

²¹ Para facilitar a operacionalização, episódios, motivos e referências podem ser anotados em fichas, de maneira a permitir o seu manuseio, ordenando-as em eixos diacrônicos e sincrônicos, dentro de um mesmo depoimento e dele em relação a outros.

²² Retirado da linguagem cinematográfica, o termo dissolução significa o artifício que permite transitar entre duas narrativas aparentemente díspares, ambas se interpenetrando e produzindo uma nova narrativa. “*A montagem torna simultâneos eventos temporal e espacialmente diversos e ligados por analogias.*” CANEVACCI, p. 32 e 66 (destaque no original).

petróleo.²³ Nesse livro, a partir do registro das lembranças de uma moradora daquela favela, Chamoiseau reconstrói a saga da população negra da Martinica, desde meados do século XIX, quando os pais de sua informante nascem ainda no cativeiro.²⁴ A narrativa presente em *Texaco* guarda muito da estrutura de um depoimento oral, embora o autor deixe caracterizadas as suas intervenções. “Tornou-se fascinante quando me apresentaram aquela que ia se tornar minha informante: uma velha negra cabra, muito alta, muito magra, com um rosto grave, solene, e olhos imóveis. Jamais eu havia percebido tanta autoridade profunda irradiar de alguém. Contou-me suas histórias de modo bastante dificultoso. Acontecia-lhe, embora me escondesse, ter falhas de memória, e se repetir, ou se contradizer”²⁵.

Os cerca de 150 anos de história da família da informante e da Martinica emergem das lembranças de uma velha senhora. Novamente, tal como ocorre na narrativa de **Pequeno Grande Homem**, e como propôs Paul THOMPSON²⁶, a história de vida e os depoimentos recolhidos por Chamoiseau serviram para retirar das sombras e dar voz a segmentos sociais que, embora façam parte da História, estiveram dela excluídos por muito tempo.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **História oral** : a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.
- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** : lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1987 [1973].
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica** : ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CHAMOISEAU, Patrick. **Texaco**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FERREIRA, Marieta de M. (Coord.). **Entrevistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 1994.
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Michael. História oral: os riscos da inocência. O DIREITO À MEMÓRIA. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gracador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Curitiba : depoimentos da transformação urbana. In: SOLLER, Maria A.; MATOS, Maria I. S. de (Orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 211-245.

²³CHAMOISEAU, Patrick. **Texaco**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. [Original francês – Gallimard, 1992].

²⁴Em 1848, a escravidão é abolida nas colônias francesas. Na Martinica, grande número de antigos escravos deixa o trabalho rural e se dirige para as cidades.

²⁵CHAMOISEAU, p. 342.

²⁶THOMPSON, Paul. **A voz do passado** : história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Memórias e cidade** : depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

SIMSON, Olga de Moraes von. **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.

THOMPSON, Paul. A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. CIÊNCIAS SOCIAIS HOJE, ANPOCS, 1993, p. 9-19.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** : história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. **La tradición oral**. 2.ed. Barcelona: Editorial Labor, 1968.

PEQUENO GRANDE HOMEM (Little Big Man). Produção Gene Lasko; Stuart Millar. Direção Arthur Penn. Roteiro de Calder Willingham (baseado em livro de Thomas Berger). EUA: Cinema Center 100 Productions, 1970. (147 min.), colorido, mono.